

**Recado de um Garganta: essa cara amarrada é só um jeito de viver na
pior**

**Comments on a Deceiver: this frowning face is just a way of living the
worst**

Fernanda G. Moreira*

* Psiquiatra e psicoterapeuta, trainee da 9ª Turma da SBPA, mestre e doutora pelo Departamento de Psiquiatria da EPM/Unifesp, coordenadora das Unidades Curriculares Psicologia Médica e Semiologia Integrada do curso de medicina da EPM/Unifesp. E-mail: femoreirapsi@gmail.com.

Segundo a Wikipedia (2011), a malandragem pode ser definida como um conjunto de artimanhas utilizadas para obter vantagem em determinada situação. Caracterizada pela engenhosidade e sutileza, ela é descrita no imaginário popular brasileiro como uma ferramenta de justiça individual utilizada por – mas não exclusivamente – indivíduos socialmente desfavorecidos.

Longe do glamour evocado pelo sambista de chapéu, terno e sapatos brancos, cantado pela velha guarda de sambistas cariocas, tão bem retratados na *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque, a malandragem atual passou por grandes transformações. Mais agressivos e usando roupas mais largas e coloridas, os malandros de hoje têm sua expressão artística mais bem representada no movimento *hip hop*, que inclui o *rap*, a *breakdance* e o grafite. Na música, muitas vezes preferem o *funk* e o pagode, mas ainda continuam marcando presença nas escolas de samba e, é claro, não se esqueceram do Carnaval. Tampouco a música popular brasileira se afastou da malandragem. Na nova geração da música nacional, a chamada *nova MPB*, fortemente representada pelas mulheres, não apenas como intérpretes, mas também como compositoras, continua cantando o malandro em verso e prosa. Mesclando samba e bossa nova a outros ritmos, incluindo novos recursos sonoros, continuam celebrando a esperteza e o jogo de cintura, mas enfatizam a “marra” que hoje lhe é característica (SALDANHA, 2008). As músicas “Cara Valente”, de Marcelo Camelo, e “Garganta”, de Ana Carolina, cantam duas facetas dessa “marra”:

Não, ele não vai mais
dobrar

Pode até se acostumar
Ele vai viver sozinho

Desaprendeu a dividir...
Foi escolher o malmequer

Entre o amor de uma	Olha lá!	Esse humor
mulher	Ele não é feliz	É coisa de um rapaz
E as certezas do caminho	Sempre diz	Que sem ter proteção
Ele não pôde se entregar	Que é do tipo cara valente	Foi se esconder atrás
E agora vai ter de pagar	Mas veja só	Da cara de vilão [...]
Com o coração	A gente sabe...	

("Cara Valente", Marcelo Camelo)

[...] Venho madrugada	Sei que não sou santa	Mas não sou beata
Perturbar teu sono	Às vezes vou na cara dura	Me criei na rua
Como um cão sem dono	Às vezes ajo com candura	E não mudo minha postura
Me ponho a ladrar [...]	Pra te conquistar	Só pra te agradar [...]

("Garganta", Ana Carolina)

Em "Cara Valente", Marcelo Camelo descreve a "marra" como máscara de proteção, "um jeito de viver na pior", sugerindo uma defesa psíquica para uma ferida. No entanto, o compositor dá a entender que tal máscara não pode ser simplesmente retirada e tal rapaz "vai ter que pagar com o coração", apontando a fixação da defesa, e mais, uma fixação que impossibilitaria a conjugalidade, o encontro profundo eu-outro. Essa descrição sugere uma disfunção do sistema estruturante narcisismo/ecoísmo. Explico: Montellano (2006) propõe a díade narcisismo/ecoísmo como polaridades cuja tensão serviria ao desenvolvimento da personalidade. Nessa proposta, a patologia psíquica consistiria na fixação do que deveria ser uma função estruturante, de acordo com a conceituação de Byington, dificultando o processo de individuação (MONTELLANO, 2006; BYINGTON, 1988). O desenvolvimento criativo da polaridade narcisista possibilitaria a formação de uma imagem de eu integrada, uma autoestima positiva e autônoma e a capacidade de expressar sua individualidade na luta pela realização de seus ideais. Com relação à polaridade ecoísta, seu bom desenvolvimento permitiria a formação da imagem integrada do outro, sentimentos de empatia e compaixão e a capacidade de reconhecer a necessidade e importância do outro (MONTELLANO, 2006).

Jacoby define a pessoa narcisista como aquela que só admira ela mesma. São charmosos e atraem a admiração e inveja. Envolvem-se frequentemente em rivalidades e intrigas. As pessoas em volta servem apenas para ecoar a autoadmiração. Elas têm

assegurado o papel de audiência, e são abandonadas se não cumprem essa função. No narcisismo, a possibilidade de valorização está depositada no outro. Se o outro não me reconhece, eu não tenho valor (JACOBY, 1985).

Em “Garganta” – título ambíguo, que contém a conotação de alguém que conta vantagens –, Ana Carolina inicialmente descreve um sofrimento de abandono intenso, que arranha a garganta e transborda, que vai gradativamente se transformando em desdém e ameaça de abandono futuro à pessoa por quem o personagem da música se sente ameaçado de abandono. Longe de ser uma história original, tema já retratado na clássica fábula “A Raposa e as Uvas”, a música chama atenção pela agressividade inerente à transformação, não só da atitude, mas das imagens utilizadas:

Minha garganta estranha	Minha garganta arranha	Aprendi a me virar sozinha
Quando não te vejo	A tinta e os azulejos	E se eu tô te dando linha
Me vem um desejo	Do teu quarto, da cozinha	É pra depois te abandonar...
Doido de gritar	Da sala de estar [...]	

(“Garganta”, Ana Carolina)¹

As pessoas com fixação na polaridade narcisista são descritas como autorreferentes, com autoestima inflada e ideal de ego grandioso. São muito suscetíveis à crítica e aos sentimentos de inveja e raiva, por vezes explosiva – a “fúria narcísica”. Apresentam relações afetivas superficiais, dificuldades de vivenciar os sentimentos amorosos e a intimidade, e desvalorizam o outro com frequência. O narcisismo defensivo pode ser entendido como uma atitude exibicionista, muitas vezes com características sádicas, pela qual o encontro se faz no sentido de subjugar o outro, temendo ser por ele subjugado. A atitude defensiva narcisista é, portanto, contrafóbica: ela se antecipa aos fatos, em razão da fobia. (SCHWARTZ-SALANT, 1982; MONTELLANO, 2006; FERNANDES, 2012).

¹ Nos shows, o último verso é cantado: “É pra comer você!”.

A minha alma tá armada e apontada	[...]	É pela paz que eu não quero seguir admitindo.
Para a cara do sossego!	Me abrace e me dê um beijo,	(“A Minha Alma”, Marcelo Yuka)
Pois paz sem voz, paz sem voz	Faça um filho comigo, Mas não me deixe sentar	
Não é paz, é medo!	na poltrona	
Às vezes eu falo com a vida,	No dia de domingo (domingo!)	
Às vezes é ela quem diz:		
“Qual a paz que eu não quero conservar	Procurando novas drogas de aluguel	
Pra tentar ser feliz ?”	Neste vídeo coagido,	

Para Kohut, o narcisismo patológico dá-se pela fixação das estruturas narcísicas arcaicas. A grandiosidade e onipotência do Self e do objeto não mais se transformam em consequência de falhas na função empática da maternidade (MONTELLANO, 2006). Rosemary Gordon afirma a importância da capacidade da mãe em estabelecer uma relação afetiva com a criança para que esta se sinta segura e apreciada como um indivíduo único (GORDON, 1985). Contudo, é importante definir de que mãe se está falando. Jung inclui no arquétipo da grande mãe tudo o que se relaciona à nutrição e à fertilidade (GALIÁS, 2001). Dessa forma, outras pessoas podem exercer ou contribuir com essa função, participando da humanização desse arquétipo em uma criança. Assim como mãe e ambiente se confundem nessa fase, carências e dificuldades provenientes do ambiente também compõem a imagem arquetípica da mãe. Neumann (1980) esclarece que a mãe (ou, excepcionalmente, a pessoa que exerce essa função) representa para a criança todo o mundo apreensível, todo o ambiente circundante:

A criança vai sendo muito precocemente moldada pela cultura humana, uma vez que a mãe vive num coletivo cultural, cujos valores e linguagem influenciam, inconscientemente, mas de modo efetivo, o desenvolvimento da criança. (NEUMANN, 1980, p. 10)

Ou seja, a vivência da primeira infância em situação de extrema pobreza ou miséria, por exemplo, é uma vivência do arquétipo da grande mãe em sua polaridade

terrível: a grande mãe ferida ou insuficiente. Daí a frequência desse “tipo” ou “personagem” emergindo de populações em situação de vulnerabilidade social.

A psicopatologia com predominância do espectro matriarcal é extraordinariamente sociossintônica pela própria plasticidade insular multifatorial e imitativa deste arquétipo. (BYINGTON, 2006, p. 39)

Byington (2006) ressalta que a defesa de uma ferida matriarcal pode se estruturar em níveis de gravidade variada, de neurótica a psicótica, incluindo a defesa psicopática, mas não necessariamente caracterizando um transtorno de personalidade.

Se eu pudesse eu dava um toque em meu destino	de neném
Não seria um peregrino nesse imenso mundo cão	É ruim acordar de madrugada pra vender bala no trem
Nem o bom menino que vendeu limão	Se eu pudesse eu tocava em meu destino
Trabalhou na feira pra comprar seu pão	Hoje eu seria alguém
Não aprendia as maldades que essa vida tem	Seria eu um intelectual
Mataria a minha fome sem ter que roubar ninguém	Mas como não tive chance de ter estudado em colégio legal
Juro que nem conhecia a famosa Funabem	Muitos me chamam pivete
Onde foi a minha morada desde os tempos	Mas poucos me deram um apoio moral
(“Problema Social”, Seu Jorge)	Se eu pudesse eu não seria um problema social

Quando trabalhei em projetos de atenção a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, observei que muitos desses adolescentes se denominavam “garotos de projeto”, no sentido de terem a vida permeada por projetos assistenciais. Internamente na equipe discutíamos o quanto essa autodenominação trazia o símbolo da prostituição – *garotos de programa* –, sem que eles se dessem conta disso. Se a ferida narcísica é uma ferida de autoimagem, o que dizer dessa imagem de se autodenominar um “problema social”?

Mas, se as condições socioambientais presentes atualmente nas comunidades populares facilitam a emergência do malandro, como ajudá-los a lidar com tais feridas? Em seu “Recado”, Gonzaguinha traz as dificuldades e uma sugestão para o manejo – a

relação dialética – conhecimento possivelmente advindo de sua própria vivência no Morro São Carlos:

Se me der um beijo eu gosto	Vamos ver o diabo de perto	Vá viver e entender, malandro
Se me der um tapa eu brigo	Mas preste bem atenção, seu moço	Vai compreender Vá tratar de viver
Se me der um grito não calo	Não engulo a fruta e o caroço	E se tentar me tolher é igual
Se mandar calar mais eu falo	Minha vida é tutano é osso Liberdade virou prisão	Ao fulano de tal que tá aí Se é pra ir vamos juntos
Mas se me der a mão Claro, aperto	Se é amor deu e recebeu Se é suor só o meu e o teu	Se não é já não tô nem aqui
Se for franco Direto e aberto	Verbo eu pra mim já morreu	(“Recado”, Gonzaguinha)
Tô contigo, amigo, e não abro	Quem mandava em mim nem nasceu É viver e aprender	

Schwartz-Salant afirma que hoje se sabe que a defesa narcísica é caracterizada por gerar vínculos fortes que afetam muito o terapeuta. E afirma que a inveja domina o mundo do caráter narcisista, mas o Self oferece uma ordem e uma realidade mais amplas, que constituem uma saída. “O Self é o único capaz de dar um sentido de direção e uma percepção de identidade pessoal.” Conclui que, além de propiciar o contato com o Self pela dialética da relação horizontal terapeuta/paciente, existe a necessidade do trabalho de transferência/contratransferência, identificando-se e elaborando raiva e inveja (SCHWARTZ-SALANT, 1982).

A aliança terapêutica deve estar alicerçada nas funções do sentimento e da intuição. A empatia para com o sofrimento humano é a principal condição para se restabelecer um relacionamento produtivo (*rapport*) e apreender pela sensação e pelo pensamento a organização dos sistemas defensivos destes casos clínicos. Sem isso, a dimensão matriarcal ferida pela incompreensão, rejeição, prepotência e abandono continua a atuar de forma sociossintônica, absorvendo e neutralizando defensivamente, pela complementaridade, as várias formas de terapia. (BYINGTON, 2006, p. 41)

Contudo, estamos falando de questões sociais, extrapolando o alcance da clínica. Para além do *setting* terapêutico, a relação dialética nos espaços públicos poderia minimizar reações violentas. Talvez a música, expressão artística tão enraizada em nossa cultura, esteja tentando nos mostrar um caminho de alteridade para nossa sociedade.

A música, expressão artística presente desde os primórdios da humanidade, é exímia expressão de sentimentos. As músicas brasileiras como o samba e a bossa nova, ritmos que compõem a MPB e a nova MPB (SALDANHA, 2008), trazem o calor dos tambores da mãe África, as dissonâncias e quebras rítmicas, a mistura racial nos timbres vocais (MERCÊS, 2010), a alegria e o prazer, símbolos matriarcais. A presença da tercina em ritmo quaternário, por exemplo, remete à extrassístole em meio ao ritmo cardíaco que denuncia a forte emoção. Tais brincadeiras sonoras, que reconhecemos facilmente em nossa música, criam um ambiente de aconchego e possuem identidade própria. Como tais, podem auxiliar nas feridas matriarcais, seja pela possibilidade da expressão dos sentimentos e afetos, seja pela identificação com eles, seja pela possibilidade de projeção e visibilidade, transformando a imagem de “problema social”.

O meu samba vai curar teu abandono
 O meu samba vai te acordar do sono
 Meu samba não quer ver você tão triste
 Meu samba vai curar a dor que existe
 Meu samba vai fazer ela dançar
 É o samba certo pra você cantar
 (“Samba Meu”, Rodrigo Bittencourt)

A feira tá pouca, o bicho tá solto.
 Tem muito estrangeiro, muito bafafá.
 O dia tá feio, a lua não veio, o dinheiro
 não dá, não dá
 Mas tem muito bamba fazendo refrão,
 tem muito samba na concentração.
 Muita riqueza que você não tem mais
 não

E tem muito água no nosso feijão
 Muita mandinga na minha oração
 Muita riqueza que você não tem mais
 não
 Tem muita Maria e muito João
 Tem muita rosa pelo quarteirão
 Muita riqueza que você não tem mais
 não.

(“Recado”, Rodrigo Maranhão)

Por outro lado, música também é métrica, é matemática, princípio patriarcal. As quebras rítmicas, as batidas interpostas no compasso precisam ser compensadas. Aos breques – silêncios musicais frequentes no samba –, segue-se a retomada da cadência, assim como à extrassístole segue-se a retomada do ritmo sinusal no coração saudável, por mais que emocionado. Dessa forma, o passista é levado a manter a cadência, por mais que brinque com o ritmo. A cabrocha segue marchando, por mais que requebre. Amparado criativamente no universo matriarcal, o malandro poderia ser levado, pelos braços da mãe, ao pai que ainda não chegou. Nesse sentido, é bastante significativa a grande participação das mulheres como intérpretes e compositoras na nova MPB. Em “Caminho das Águas”, de Rodrigo Maranhão, Maria Rita canta mansamente, quase num tom de cantiga de ninar, com uma sensualidade discreta, pedindo para ser levada e ao mesmo tempo levando ao pai pelo ritmo de ponto de candomblé.

Leva no teu bumar	A barca segue seu rumo	Os olhos da morena bonita
Me leva	lenta	Aguenta que tô chegando já
Leva que quero ver meu pai	Como quem já não	Na roda conta com o seu
Caminho bordado à fé	Quer mais chegar	Ouvir a zabumba
Caminho das águas	Como quem se acostumou	Me leva que quero ver
Me leva que quero ver	No canto das águas	Meu pai...
Meu pai...	Como quem já não	(“Caminho das Águas”,
	Quer mais voltar...	Rodrigo Maranhão)

Outra característica da nova MPB é a reverência à história de nossa música e o encontro dos novos artistas com seus predecessores (SALDANHA, 2008). Num encontro quase *puer-senex*, Ana Carolina e Tom Zé escrevem um manifesto contra a corrupção no Brasil. Em ritmo doce de balada, o manifesto pede a “unimultiplicidade”, neologismo da dupla de compositores. Forjando a identidade nacional pela música, pelos braços da mãe – a primeira portadora da projeção da alma –, encontraremos o pai para chegar à alteridade?

Neste Brasil corrupção
Pontapé bundão

Puto saco de mau cheiro
Do Acre ao Rio de Janeiro

Neste país de manda-chuvas	Não tenho nada por sapato
Cheio de mãos e luvas	A não ser o passo
Tem sempre alguém se dando bem	Neste país de pouca renda
De São Paulo a Belém	Senhoras costurando
Eu pego meu violão de guerra	Pela injustiça vão rezando
Pra responder essa sujeira	Da Bahia ao Espírito Santo
E como começo de caminho	Brasília tem suas estradas
Quero a unimultiplicidade	Mas eu navego é noutras águas
Onde cada homem é sozinho	E como começo de caminho
A casa da humanidade	Quero a unimultiplicidade
Onde cada homem é sozinho	Onde cada homem é sozinho
A casa da humanidade	A casa da humanidade
Não tenho nada na cabeça	Onde cada homem é sozinho
A não ser o céu	A casa da humanidade

(“Unimultiplicidade”, Ana Carolina e Tom Zé)

Resumo

Objetivando discutir a malandragem como defesa de uma ferida narcísica, foi feita a ampliação simbólica das músicas “Recado” (Gonzaguinha), “Garganta” (Ana Carolina), “Cara Valente” (Marcelo Camelo) e outras do movimento musical denominado nova MPB, correlacionando-as com aspectos teóricos da psicologia analítica e a prática clínica. Entendendo a malandragem como um desdobramento possível de uma ferida narcísica coletiva, este artigo reflete sobre o papel terapêutico da música popular brasileira no resgate dos dinamismos matriarcal e patriarcal para alcançar a alteridade em nossa sociedade.

Palavras-chave: narcisismo, dinamismo matriarcal, dinamismo patriarcal, alteridade, arte, música

Abstract

This article aims to discuss the trickery as a defense of a narcissist wound. For such, the symbolic interpretation of some songs of the so-called musical movement nova MPB was performed, such as “Recado” (by Gonzaguinha), “Garganta” (by Ana Carolina) and

“Cara Valente” (by Marcelo Camelo), associating the interpretation to the theory of analytical psychology and to clinical practice. This article is a reflection on the therapeutic function of Brazilian popular music in the redemption of the matriarchal and patriarchal dynamisms to achieve alterity in society.

Key-words: narcissism, matriarchal dynamism, patriarchal dynamism, alterity, art, music

Referências bibliográficas

BYINGTON, C. A. (1988). Adolescência e interação do Self individual, familiar, cultural e cósmico. *Junguiana*, São Paulo, v. 6, p. 47-117.

_____. (2006). *Psicopatologia simbólica*. São Paulo: Linear B.

FERNANDES, R. R. (2012). *Narcisismo e espiritualidade: o desenvolvimento da consciência pela elaboração simbólica*. São Paulo: Escuta.

GALIÁS, I. (2001). O papel da mulher no resgate da grande mãe em nossa cultura. *Junguiana*, São Paulo, v. 19, p. 63-70.

GORDON, R. (1985). Big Self and little self: some reflections. *Journal of Analytical Psychology*, v. 30, p. 261-271.

JACOBY, M. (1985). *Individuation and narcissism: the psychology of Self in Jung and Kohut*. London: Routledge.

MERCÊS, B.; GIMENEZ, L. (2010). Sobre amigos e canções. *Revista USP*, São Paulo, n. 87, set.-nov., p. 14-27.

MONTELLANO, R. M. P. (2006). Transtornos de la personalidad narcisista. In: LOUREIRO, M. E. S. (Ed.). *Psicopatologia psicodinamica simbolico-arquetipica*. Montevideo: Prensa Médica Latinoamericana. p. 187-199.

NEUMANN, E. (1980). **A criança**. São Paulo: Cultrix.

SCHWARTZ-SALANT, N. (1982). *Narcisismo e transformação do caráter*. São Paulo: Cultrix.

SALDANHA, R. M. (2008). Estudando a MPB: reflexões sobre a MPB, nova MPB e o que o público entende por isso. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/CPDOC.

WIKIPEDIA. (2011). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Malandragem>. Acesso em: 21 jun. 2013.